

CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Segundo os objectivos do presente estudo, pretendeu-se avaliar as autopercepções da competência académica e da competência física, das crianças e jovens com Síndrome de Down e comparar esses níveis com os revelados por crianças ditas normais do pré-escolar. Pretendeu-se também, averiguar se os níveis de competência eram diferentes entre os géneros das crianças/jovens com Síndrome de Down.

De acordo com o descrito na revisão de literatura, as crianças com Síndrome de Down formam o maior grupo de crianças com necessidades educativas especiais, apresentando assim, habilidades académicas limitadas (Lewis, 2003). Desta forma seria de esperar, que a amostra com Síndrome de Down do nosso estudo revelasse baixos níveis de autopercepção da competência académica. Esperava-se também, que revelasse autopercepções académicas mais baixas que os alunos do pré-escolar, uma vez que vários estudos (e.g. Chapman, 1988, citado por Begley, 1999; Kistner e tal., 1987, citados por Zeleke, 2004) chegaram à conclusão de que a competência académica dos estudantes com um desenvolvimento normal é superior à dos estudantes com necessidades educativas especiais. Segundo Eichstaedt & Lavay (1992), as crianças com Síndrome de Down atingem o limite motor mais tarde do que as crianças com desenvolvimento normal. Para os mesmos autores, a maioria das crianças e jovens com Síndrome de Down com idades compreendidas entre os seis e os dezoito anos, possuem um atraso no desenvolvimento motor, baixos níveis de capacidade física e uma elevada lentidão de movimentos. Neste sentido, antevia-se que as crianças/jovens com Síndrome de Down apresentassem uma baixa percepção da sua competência física. Da mesma forma, Mikelkeviciute & Adomaitiene (2001), referem que os indivíduos com deficiência possuem grandes dificuldades em desenvolver uma autopercepção positiva a nível da competência académica e física, o que vem apoiar a suposição de que as crianças e jovens com SD revelem baixos níveis de competência, uma vez que a Síndrome de Down é uma das maiores causas de deficiência mental.

No entanto, os resultados, contidos no presente estudo, revelam que, da totalidade da amostra com Síndrome de Down, todos se perceberam como

competentes, tanto a nível académico como a nível físico, sendo que a média das pontuações obtidas foi relativamente superior na competência física. Estes resultados vão de encontro aos alcançados por Begley (1999), por Cuskelly & Jong (1996), por Glenn & Cunningham (2001) e por Campos (2005). Todos estes autores averiguaram, através da aplicação da escala pictórica de Harter (1984), as autopercepções de crianças e jovens com Síndrome de Down e concluíram que estes se percebem de forma muito positiva.

A visão positiva de si mesmos pode estar relacionada com o facto das crianças e dos jovens possuírem uma tendência para confundir o desejo de ser competente com a sua habilidade real. Desta forma, os resultados alcançados pelas crianças e jovens com Síndrome de Down do presente estudo, podem reflectir a tendência revelada pelos indivíduos para se avaliarem de forma positiva através dos atributos que seleccionam como mais importantes. Segundo o modelo multidimensional de Harter (1983, citada por Glenn & Cunningham, 2001), existem sete a oito anos chave para os estágios de desenvolvimento da auto-avaliação. Para aquela autora, as crianças com idades inferiores a 7/8 anos não possuem habilidades cognitivas para avaliar os seus próprios comportamentos, com o intuito de fazerem um julgamento do seu mérito pessoal. As crianças mais novas, normalmente acreditam ou que são boas ou más em todas as áreas, não conseguindo possuir atributos contraditórios de forma simultânea. Normalmente estas crianças tendem a ser positivas na sua descrição do “self”. Desta forma, o facto do grupo de indivíduos com Síndrome de Down da nossa amostra ter revelado autopercepções muito positivas, tanto na competência académica como na competência física, pode ter sido devido a todos os indivíduos que a constituem possuírem um desenvolvimento cognitivo inferior aos 8 anos de idade, período este que, segundo Harter (1983), citada por Glenn & Cunningham (2001), as crianças não possuem habilidades cognitivas para se avaliarem a si próprias.

Como já foi referido, o autoconceito, de acordo com Shavelson et al. (1976), citados por Hattie (1992), define-se como a percepção que a pessoa tem de si própria, sentida através da experiência e da interpretação do seu ambiente. Sendo assim, os valores positivos, revelados no presente estudo, para a competência física, podem estar relacionados com o facto de quase todos os inquiridos (N=21) praticarem actividade física regularmente, podendo ou não coincidir com a sua competência real. Pois, de acordo com Harter (1996), a competência física consiste nas convicções

que os indivíduos possuem relativamente à sua capacidade para desempenhar determinada tarefa motora, que pode ou não coincidir com a capacidade real. Por outro lado, as elevadas pontuações reveladas para a competência física podem estar relacionadas com o facto de o envolvimento em actividades físicas aumentar as auto percepções dos indivíduos, principalmente ao nível da competência física (Fox, 1997).

Relativamente à comparação entre géneros na nossa amostra com Síndrome de Down, os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas nas suas auto percepções da competência percebida nas diferentes dimensões. O estudo realizado por Jambunathan & Hurlbut (2000) confirma este facto, uma vez que examinou as auto percepções entre os géneros e concluiu que não se verificam diferenças, na percepção da competência, entre estes dois grupos. A meta-análise realizada por Bear et al. (2002), também é concordante com os resultados do presente estudo, uma vez que se concluiu que as auto percepções não diferem entre os rapazes e as raparigas com necessidades educativas especiais. Em contrapartida, Shapiro & Ulrich (2002), vêm contradizer estes resultados, ao afirmarem que os rapazes com necessidades educativas especiais revelam uma percepção da competência física mais elevada do que as raparigas com o mesmo tipo de necessidades. Da mesma forma, o estudo realizado por Campos (2005) com crianças com Síndrome de Down, revelou que o género feminino apresenta pontuações médias mais baixas do que o género masculino. Begley (1999), no estudo que desenvolveu com crianças com Síndrome de Down, também obteve resultados contraditórios, mas estes revelaram que as auto percepções são mais positivas para as raparigas do que para os rapazes. Desta forma, os resultados dos diferentes estudos permanecem inconclusivos no que respeita à variável género. Sendo assim, torna-se pertinente realizar mais estudos que possibilitem chegar a uma conclusão mais concordante para as diferenças entre géneros.

Na comparação das auto percepções, a nível da competência académica e física, das crianças/jovens com Síndrome de Down com as das crianças do pré-escolar, observou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre a competência física das raparigas com Síndrome de Down e a competência física das raparigas ditas normais. No entanto, não existem diferenças estatisticamente

significativas entre a sua competência académica, da mesma forma que não existem diferenças estatisticamente significativas, tanto na competência académica como na competência física entre os resultados apresentados pelos rapazes de ambos os grupos. Verifica-se uma tendência para os indivíduos com Síndrome de Down apresentarem médias de pontuações na competência física superiores às dos indivíduos ditos normais, devido sobretudo às pontuações obtidas pelas raparigas. Estes resultados, com a excepção dos revelados pelas raparigas ao nível da competência física, são concordantes com os do estudo realizado por Ulrich & Collier (1990), citados por Cuskelly & Jong (1996), no qual descobriram que os resultados, ao nível da competência física, de crianças com deficiência mental moderada eram semelhantes aos apresentados por crianças ditas normais com a mesma idade mental. Relativamente à percepção da competência académica, os resultados observados são contraditórios aos alcançados no estudo efectuado por Chapman (1988), citado por Begley (1999), através do qual concluiu que a competência académica dos estudantes com um desenvolvimento normal é superior à dos estudantes com necessidades educativas especiais. Mas, os resultados alcançados por Cuskelly & Jong (1996) ao compararem as autopercepções de crianças com Síndrome de Down com as de crianças ditas normais, estão em concordância com os observados no nosso estudo, uma vez que revelaram que as crianças com Síndrome de Down possuem autopercepções semelhantes às das crianças ditas normais.

Segundo Eichstaedt & Lavay (1992), algumas pesquisas referem que os adultos com Síndrome de Down apresentam um funcionamento intelectual correspondente ao de uma criança de quatro a seis anos de idade. No presente estudo, as crianças/jovens com Síndrome de Down foram comparadas com crianças ditas normais com a mesma idade mental. Provavelmente foi esse o factor determinante para não se terem observado diferenças estatisticamente significativas entre as médias das pontuações obtidas pelos dois grupos, uma vez que o nível de desenvolvimento dos dois grupos era muito semelhante.

As pesquisas sobre as autopercepções das crianças são muito importantes (Begley, 1999), uma vez que podem ajudar na descoberta dos factores que contribuem ou atenuam as suas autopercepções positivas. Estas, por sua vez, já há muito tempo que são reconhecidas pelos educadores, como alicerces para um bom processo educativo. Desta forma, o acesso às autopercepções dos indivíduos com

Síndrome de Down pode constituir uma base para o desenvolvimento e implementação de estratégias de intervenção com esta população, tanto a nível escolar como a nível de tarefas diárias, possibilitando-lhes assim, uma melhor qualidade de vida.